



## ECOANDO PRÁTICAS E SABERES: DAS RAÍZES AOS FRUTOS DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA

Echoing practices and knowledge: from roots to fruits of the Rural Education and  
Agroecology nucleus

P. S. Silveira<sup>1,3</sup>, A. S. Lopes<sup>2,4</sup>, L. A. D. de Oliveira<sup>2,5</sup>, M. da M. Silveira<sup>2,6</sup>, R. Mauri<sup>2,7</sup>, T. F.  
C. W. L. de Sousa<sup>2,8</sup>, W. A. Barbosa<sup>2,9</sup>, R. B. A. Fernandes<sup>2,10</sup>, L. H. da Silva<sup>2,11</sup>, L. R. A. dos  
Anjos<sup>2,12</sup>, G. M. Conte<sup>2,13</sup>, R. da S. Teixeira<sup>2,14</sup>, I. M. Cardoso<sup>2,15</sup>

### RESUMO

A construção da Agroecologia na região da Zona da Mata mineira iniciou em meados da década de 1970, ainda como agricultura alternativa, a partir das críticas à revolução verde. O movimento estudantil, incluindo aí os grupos de Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa, o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona Mata, os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, as Comunidades Eclesiais de Bases, a Central Única dos Trabalhadores e os partidos de esquerda contribuíram, e contribuem, para o desenvolvimento da Agroecologia na região. Estas são as raízes do Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa (ECOAF-UFV), que se institucionalizou no ano de 2016. Objetivamos aqui apresentar a sistematização da experiência do ECOAF-UFV com base na trajetória do movimento agroecológico na região, refletir sobre suas ações e apontar lições e desafios, a partir da matriz de sistematização organizada pela Associação Brasileira de Agroecologia. A sistematização apontou que a institucionalização do ECOAF foi uma importante conquista por permitir o avanço de maneira unificada e articulada da Educação do Campo e da Agroecologia na região.

**Palavras-chave:** Metodologias Participativas, Redes Agroecológicas, Organizações Sociais.

### ABSTRACT

The construction of Agroecology in the region of Zona da Mata Mineira started in the mid-1970s, as alternative agriculture based on the green revolution criticism. The student movement, including the Alternative Center of Technologies of the Zona da Mata, the Rural Workers' Unions, the Ecclesial Base Communities, the Unified Workers' Central and left political parties contributed and contribute to the development of agroecology in the region. These are the roots of the Nucleus of Rural Education and Agroecology of the Universidade Federal de Viçosa (ECOAF-UFV). We aim to present the systematization of the ECOAF-UFV experience based on the agroecological movement trajectory, to analyse its actions and indicate lessons and challenges, from the matrix of systematization, organized by the Brazilian Association of Agroecology. The systematization pointed out that the institutionalization of the nucleus was an important achievement for allowing the advance of Rural Education and Agroecology in a unified and articulated way in the region.

**Keywords:** Participatory Methodologies, Agroecological Networks, Social Organizations.

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo;

<sup>2</sup> Universidade Federal de Viçosa;

<sup>3</sup> pedro.aesm@gmail.com;

<sup>4</sup> angelicalopes.solos@gmail.com;

<sup>5</sup> leonardoabud@gmail.com;

<sup>6</sup> maysa.tsb@gmail.com;

<sup>7</sup> rafael.mauri@hotmail.com;

<sup>8</sup> tommy.sousa@ufv.br;

<sup>9</sup> w.barbosa@ufv.br;

<sup>10</sup> raphael@ufv.br;

<sup>11</sup> lhsilva@ufv.br;

<sup>12</sup> luanraanjos@gmail.com;

<sup>13</sup> paderogm@yahoo.com.br;

<sup>14</sup> ramoneps2014@gmail.com;

<sup>15</sup> irene@ufv.br;

**Recebido em:**

07/10/2017

**Aceito para publicação em:**

18/12/2017

**Correspondência para:**

angelicalopes.solos@gmail.com

## Uma caminhada de quatro décadas

Neste artigo a sistematização da experiência do Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa será apresentada (ECOAF-UFV). O núcleo, embora recentemente institucionalizado, é fruto de uma longa caminhada. O início desta construção se deu em meados da década de 1970, por meio da parceria estabelecida entre movimento estudantil e recém-formados da UFV, bem como organizações como Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs), Movimento da Boa Nova (MOBON), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Central Única dos Trabalhadores (CUT) e partidos de esquerda. Esses atores, aproximados pela crítica aos impactos da Revolução Verde, lançam as raízes do movimento agroecológico na Zona da Mata mineira, quando ainda era denominado Agricultura Alternativa.

Por meio da ação de estudantes da UFV, surgiram os primeiros grupos ambientalistas locais, por meio dos quais se iniciou o debate sobre a Agricultura Alternativa. Estes grupos formam as bases para os atuais grupos de Agroecologia da UFV, que hoje compõem o ECOAF.

O primeiro grupo ambientalista criado em 1975, sob a influência da contracultura, era chamado Grupo Alfa de Estudos de Ecologia. Um grupo inicialmente de ideias mais preservacionistas, de denúncia dos impactos da Revolução Verde e da sociedade industrial, e de crítica à estrutura agrária brasileira, que rapidamente adquiriu ideias mais socioambientalistas. Este grupo promoveu debates, excursões, campanhas e intervenções públicas e diversas lutas em defesa do meio ambiente; valorizou e iniciou as práticas relacionadas à alimentação natural, às terapias holísticas, à vivência comunitária; e começou as articulações com o movimento da Agricultura Alternativa no Brasil.

A partir deste grupo, em 1978 foi criada em cooperativa o Restaurante Alfa de alimentação natural (que se manteve até 1998) e, em 1979, a Comunidade Alfa da Viçosa, na zona rural de Viçosa, MG. Esta tinha como objetivo, dentre outros, desenvolver práticas da Agricultura Alternativa, inclusive a produção de alimentos para o Restaurante Alfa. O trabalho em comunidade, com a prática de mutirões de trabalho, gerou uma série de aprendizados aos estudantes envolvidos.

A participação no Alfa (grupo, restaurante e comunidade), a crítica à estrutura agrária brasileira e aos impactos da Revolução Verde, além da participação, nos anos de 1980, nos Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAA) contribuíram para a organização do Grupo de Agricultura Alternativa de Viçosa (GAAV) na UFV, em 1983. Este grupo perdurou por mais de 20 anos e, com ele, diversas lutas e atividades foram travadas junto ao Centro Acadêmico de Agronomia e à Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB). O GAAV realizou debates e seminários sobre temas relacionados à Agricultura Alternativa e práticas extensionistas de assessoria a agricultores/as familiares, buscando atuar sob a perspectiva da comunicação freireana, a partir da aproximação com o Departamento de Educação da UFV e de leituras educacionais críticas, em especial do livro “Extensão ou Comunicação?” (FREIRE, 1983).

A atuação extensionista no GAAV e a experiência da Comunidade Alfa permitiram aos estudantes e recém-formados aproximarem-se do Projeto Tecnologias Alternativas (PTA) e, a partir deste, estreitar as relações com o movimento sindical de trabalhadores rurais vinculados às CEBs, ao MOBON, à CPT e à CUT, o que possibilitou a fundação, em 1987, do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), com sede no local onde era a Comunidade Alfa da Viçosa. Por toda essa trajetória, pode-se compreender que a origem da Agroecologia na Zona da Mata mineira possui componentes técnicos, políticos e espirituais, os quais deram e dão sustentação ao movimento agroecológico da região.

Nos anos 1990, o movimento se fortalece a partir de suas práticas. Logo no início da década, é conquistado o direito do uso, pelo Restaurante Alfa, de uma casa no campus da UFV. Em 1992, a partir da parceria entre o GAAV, a FEAB e o CTA-ZM, foi promovido o

Encontro Regional de Agricultura Alternativa (ERAA) e, em 1996, por meio destas mesmas organizações, é realizado o I Estágio Interdisciplinar de Vivências da Zona da Mata (EIV-ZM), que ainda é executado até os dias atuais, permitindo aos estudantes um maior contato com a realidade agrária da região.

Ainda na década de 1990, iniciou-se, no Brasil, a transição do termo Agricultura Alternativa para o termo Agroecologia, a partir da publicação do livro “Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa”, de Miguel Altieri (1989). Na UFV, esta transição repercutiu na formação dos grupos Apêti de Agroflorestas e Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica (GAO), através dos quais iniciaram-se trabalhos práticos nas áreas experimentais no campus universitário sob o enfoque científico da Agroecologia (Boxe 1). A Agroecologia trouxe a dimensão científica, ainda pouco clara na Agricultura Alternativa, sem perder suas dimensões da prática e do movimento. Na América Latina, em especial, estas três dimensões se dão de forma bem fundamentada e articulada, e estão presentes em nossa atuação (VILLAR et al., 2013).

Nos anos 2000, a criação da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia), e maiores investimentos em políticas públicas destinadas à agricultura familiar, à extensão universitária, assim como a abertura de editais de pesquisa em interface com extensão, fortaleceram a Agroecologia em nível nacional, assim como na UFV e região. O acesso a estas políticas públicas fomentou os grupos e iniciativas já existentes, e estimulou a construção de novos projetos.

Em 2005, um passo importante, e fruto destas políticas públicas, foi a criação do Programa TEIA de Extensão Universitária (financiado pelo ProExt – Programa de Extensão Universitária apoiado por vários ministérios do Governo Federal), por meio do qual diversos projetos e coletivos passaram a interagir e atuar de forma articulada junto às comunidades rurais, urbanas e movimentos sociais, sob uma perspectiva inter e transdisciplinar, compartilhando uma concepção metodológica de extensão baseada na construção coletiva do conhecimento (MOREIRA et al., 2013).

Os grupos de Agroecologia da UFV diversificaram-se neste período, com a formação dos grupos Saúde Integral em Permacultura (SAUIPE), Animais para Agroecologia, Grupo de Estudos em Bambu e Micorrizas. Mais recentemente, novos grupos estudantis foram criados, como o Coletivo Repentistas do Desenho e Flores de Gaia (Boxe 1). A necessidade de ampliar a articulação interna dos grupos agroecológicos na UFV, e destes com outras entidades, levou à criação do Mutirão Ciranda que, desde 2008, passou a ser um espaço de convergências e construção coletiva de diversas ações entre os grupos, assim como meio de diálogo com outros coletivos, tanto em nível local como nacional, através da Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA-Brasil).

Em 2011, temos como resultado da articulação local da rede dos grupos de Agroecologia, a conquista da utilização da Casa 18, no campus da UFV, nomeada Casa da Transição, atual sede do Mutirão Ciranda. Este espaço permitiu a idealização de novas iniciativas, como a Rede Raízes da Mata, a qual articula consumidores e produtores em transição agroecológica de Viçosa e região; estimula o consumo responsável e a produção sustentável, baseada nos princípios da Agroecologia e da Economia Popular Solidária. Ao longo de seis anos de funcionamento, a Rede realiza atividades diversas como organização de feiras livres, distribuição de cestas agroecológicas, compras coletivas, oficinas, intercâmbios e mutirões agroecológicos, com o objetivo de encurtar a distância entre consumidor e produtor, entre campo e cidade.

**GAO (Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica):** realiza trabalhos voltados para uma agricultura mais sustentável. O grupo possui uma área experimental (MataGAO) no campus da UFV, onde são realizadas oficinas, encontros, aulas abertas, debates, entre outras atividades.

**Apêti Agrofloresta:** desenvolve trabalhos teóricos e práticos a partir da temática de Sistemas Agroflorestais (SAF's). Desde de 2006 o grupo mantém uma área experimental em parceria com o CTA-ZM, onde realiza mutirões abertos de manejo de SAF's.

**SAUIPE (Saúde Integral em Permacultura):** desenvolve ações na área da Permacultura que têm como princípio o planejamento de ambientes humanos saudáveis. Atuam na área de saneamento rural e tecnologias sociais.

**Grupos de Estudos em Bambu:** promove oficinas práticas com o objetivo de estabelecer diálogos sobre os conhecimentos e a utilização do bambu e a sua valorização como material de construção.

**Animais para Agroecologia:** desenvolve atividades com objetivo de aumentar a integração do componente animal (produção ou não) com os SAF's O projeto privilegia a construção coletiva do conhecimento agroecológico sobre práticas alternativas de alimentação e saúde animal, como por exemplo, o uso da homeopatia.

**Micorrizas:** grupo de estudos corporais integrais e integrados a Agroecologia, que se insere dentro do contexto da Zona da Mata. Desenvolve trabalhos de performance e dança voltados aos saberes agroecológicos.

**Coletivo Repentistas do Desenho:** Agrega ao movimento agroecológico a comunicação visual e a facilitação gráfica.

**Flores de Gaia:** Busca promover a extensão rural participativa trabalhando com práticas como Bokashi, Microorganismos Eficientes (EM), homeopatia, entre outras.

Podemos citar também como frutos do movimento agroecológico da Zona da Mata mineira, a Organização Cooperativa de Agroecologia (OCA) e a Rede Nós d'Água, que atuam vinculadas ao ECOA aumentando nosso espectro de ação. A OCA é uma cooperativa de trabalho formada por profissionais egressos dos grupos de Agroecologia da UFV e atua de forma autônoma. A Rede Nós d'Água, por sua vez, congrega diversos sujeitos para ações voltadas às tecnologias sociais de conservação/plantio de água.

Consolidando os vínculos entre Agroecologia e Educação do Campo na UFV, em 2014, inicia-se o curso de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências da Natureza e ênfase em Agroecologia (LICENA), em regime de alternância. O LICENA, enquanto importante conquista dos movimentos agroecológicos e populares, tem permitido o avanço na democratização do acesso à Universidade, bem como fomentar novas práticas pedagógicas.

Todo este processo histórico, aqui relatado, foi objeto da pesquisa de mestrado de Silveira (2016), o qual é sistematizado na Figura 1.





O desencadear de uma série de ações, ao longo dessas quatro décadas, resultado do diálogo e articulação entre sujeitos ligados à UFV, ao CTA-ZM e aos agricultores/as familiares e suas organizações, possibilitou as condições políticas necessárias para a institucionalização do Núcleo pela UFV em 2016. Esta conquista é fruto de um processo de acúmulo de forças, que se deu a partir da construção de grupos, entidades, projetos, articulações, formação de profissionais críticos ao paradigma modernizador do campo, e de um contexto político positivo que estimulou a formação de Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) em todo o país, a partir dos editais financiados por vários ministérios em parceria com o CNPq.

A institucionalização do ECOA garante maior autonomia das ações, além de fortalecer e afirmar a Agroecologia enquanto ciência, movimento e prática (WEZEL et al., 2009) na região da Zona da Mata mineira, dentro de uma universidade historicamente conservadora. Atualmente, o núcleo é composto por: CTA-ZM, LICENA, TEIA, Observatório dos Movimentos Sociais, os grupos que compõem o Mutirão Ciranda (GAO, Apêti Agroflorestas, SAUIPE, Animais para Agroecologia, Micorrizas, grupo de estudos em bambu e o Coletivo Repentistas do Desenho), Rede Raízes da Mata, Organização Cooperativa de Agroecologia, Rede Nós d'Água, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP-UFV). Além destes, achamos importante destacar a existência de outros grupos que dialogam com essa temática, ainda sem os aprofundamentos necessários, tais como o Grupo de Estudos Indígenas e Povos Originários (GEIPO), o grupo de capoeira Angoleiros do Mar, Tribo do Morro, o grupo percussivo O Bloco, o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros (NEAB), entre outros.

### **Caminhos metodológicos**

Inspirados em Falkembach (2000), partimos da compreensão de que o ato de sistematizar práticas e trajetórias de nossa organização assemelha-se ao processo de construção de vitrais, por meio do qual juntamos “cacos” de informações, memórias e registros, dando uma forma coesa e inteligível a este conjunto de dados inicialmente dispersos produzidos ao longo dos anos.

Sob orientação de Holiday (2006), procuramos recuperar os processos vividos e promover a análise e reflexão de fundo dos mesmos, através de atividades que envolveram diversas gerações de integrantes do movimento agroecológico na região da Zona da Mata mineira, como a elaboração de linhas do tempo participativas, pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas e aplicação de questionários. Ainda que bastante ampla e diversa, procuramos abordar todo o conjunto de temas gerais e transversais propostos pela matriz de sistematização da ABA-Agroecologia, por meio da realização de círculos de cultura e rodas de conversa.

A pesquisa de mestrado de Silveira (2016), em um trabalho de pesquisa-ação, contribuiu enormemente para a sistematização da experiência do ECOA. Além disto, em dois encontros de quatro horas cada, na UFV, com aproximadamente 10 pessoas, que se dividiram em dois grupos, fizemos uma reflexão de todos os temas da matriz de sistematização da ABA. Em outro encontro de quatro horas em Divino, com seis lideranças sindicais, foi feita uma reflexão de alguns temas da matriz. Contribuiu ainda para este processo o Trabalho de Conclusão de Curso de Diniz (2017), que utilizou em sua metodologia parte da matriz de sistematização da ABA – Agroecologia para estudar o grupo Apêti Agrofloresta.

### **O que apontou a sistematização? Reflexões a partir da matriz de sistematização**

#### **Ações, atores e parcerias**

O ECOA e seus parceiros desenvolvem várias ações, em especial na Zona da Mata mineira, a partir dos princípios da Educação do Campo e da Agroecologia. O Núcleo envolve diversos atores em suas atividades que se desdobram em duas áreas territoriais. O primeiro território, é o acadêmico, principalmente a UFV, por intermédio dos grupos de Agroecologia e projetos que articulam ensino-pesquisa-extensão. O segundo território de atuação do ECOA, é o não acadêmico, com ações no campo e na cidade junto às comunidades, envolvendo diversos municípios da Zona da Mata mineira, dentre

estes, Divino, Espera Feliz, Araçuaçu, Acaiaca, Caparaó, Pedra Dourada, Paula Cândido, Manhumirim, Visconde do Rio Branco, Caiana, Conceição do Ipanema, Jequeiri, Sem-Peixe e Abre Campo.

O CTA-ZM é o integrante do Núcleo ECOA com papel importante na articulação entre estes dois territórios, pois, especialmente a partir da parceria com o CTA, desenvolvemos muitas de nossas ações com parceiros como as Escolas Famílias Agrícolas, as organizações dos/das agricultores/as familiares, movimentos sociais, comunidades quilombolas, remanescentes indígenas Puris e pastorais sociais. Nossas ações ainda contam com a parceria da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER), Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG), e de artistas e educadores populares. Nacionalmente, o núcleo está articulado com a ANA e ABA-Agroecologia.

Por meio de ações construídas em coletivo, criamos ambientes que permitem a troca, e que são capazes de aprofundar os processos de mobilização e aprendizagens de agricultores/as familiares, comunidades e povos tradicionais, estudantes, professores/as e técnicos/as. Esses ambientes de interação são fundamentados na ação investigativa, em que a pesquisa da realidade, a capacitação dos envolvidos e a produção do conhecimento são dimensões interligadas, e inseparáveis, da prática de extensão universitária.

Os elementos e debates que aparecem nesses espaços geram pesquisas que buscam solucionar os problemas vivenciados e proporcionam a devolução de seus resultados. Além disso, promovem a realização de diversas atividades, tanto no ambiente acadêmico quanto nas comunidades. A Troca de Saberes, as Aulas Abertas e as Quintas Agroecológicas, por exemplo, são realizadas dentro do território acadêmico. Os Intercâmbios Agroecológicos, as Caravanas Agroecológicas e Culturais, as Excursões Científicas e os Terreiros Culturais são ações realizadas dentro dos territórios da população do campo e da cidade. Somam-se ainda os mutirões, feiras agroecológicas e da economia popular solidária, EIV, feiras de trocas de sementes, oficinas e cursos diversos, entre outras, que podem ocorrer nos dois territórios. Estas ações cumprem a importante função de possibilitar o diálogo de saberes entre universidade e sociedade, dispondo de metodologias participativas que dão voz às populações do campo e da cidade, assim como lhes permitem apresentar suas conquistas e desafios. Dessa maneira, as comunidades acesam o território da universidade e o público acadêmico tem a possibilidade de conhecer e atuar sobre a realidade.

Destacamos que a aproximação com o campo, a partir do diálogo com os/as agricultores/as e suas organizações sociais, possibilitou o desenvolvimento de vários projetos de pesquisas em interface com a extensão. Este processo resultou em um volume considerável de dissertações e teses, artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, cartilhas, informativos, vídeos, poesias, músicas, dentre outros. De 2014 a 2016, cerca de 3.500 pessoas participaram das atividades realizadas pelo ECOA, fortalecendo e ampliando a construção da Agroecologia.

### La e cá: algumas ações do ECOA

A seguir, descrevemos algumas ações vinculadas ao ECOA que ocorrem nos territórios acadêmicos e da população do campo e da cidade.

A Troca de Saberes é um encontro de diagnóstico e de intercâmbios de experiências, que se estabelece entre universidade e sociedade, realizado anualmente dentro do território acadêmico, na UFV, pelo Programa TEIA e parceiros (BARBOSA et al., 2013; LOPES et al., 2013, SANTOS et al., 2014; CARDOSO et al., 2017).

As Aulas Abertas, interdisciplinares, são organizadas pelo Mutirão Ciranda e ocorrem em diversos espaços formais, tal como não formais de educação. Nestes espaços, utilizam-se metodologias participativas e inovadoras, que buscam sensibilizar os estudantes acerca das críticas pontuadas pelo movimento agroecológico. Em algumas situações, estas são organizadas em parceria com disciplinas formais da UFV.

Os Estágios Interdisciplinares de Vivências (EIVs) são organizados anualmente pelos estudantes. Sua etapa de preparação e avaliação ocorre, especialmente, na UFV e ou entorno, mas a vivência

ocorre em comunidades rurais e ou assentamentos de reforma agrária. Os estágios permitem que os estudantes de graduação de diferentes cursos vivenciem os territórios das famílias agricultoras e assentadas pela reforma agrária.

Para além dos espaços presenciais de discussão e construção da Agroecologia, as ações do ECOA foram ampliadas para os ambientes virtuais. Para isso, foi feito o uso das redes sociais e da plataforma “moodle” para realização de cursos à distância que visam divulgar e fortalecer a Agroecologia. O ECOA, em parceria com o Comboio de Agroecologia do Sudeste (Rede de Núcleos de Agroecologia da região Sudeste), realizou dois cursos à distância. Foram eles: “Solos e Agroecologia: Reflexões conceituais” e “Solos e Agroecologia: Cuidados”, que levaram a construção do conhecimento agroecológico para o ambiente virtual (<http://www.ctazm.org.br/moodle/login/index.php>).

Foram realizados também cursos presenciais com as temáticas Agroecologia e Solos, bem como Agroecologia e Cultura, buscando contribuir para a construção do conhecimento agroecológico da Zona da Mata e região. Os cursos utilizam-se de metodologias participativas que possibilitam o diálogo e a troca de conhecimento entre os participantes e envolvem públicos diversos: técnicos/as de ATER, professoras/es da educação básica, estudantes, agricultores/as e outros.

Os Terreiros Culturais acontecem nos territórios da população do campo, onde buscamos identificar e reconhecer as manifestações culturais populares e estabelecer uma aproximação efetiva delas com pesquisadores, estudantes, agricultoras/es e movimentos sociais. A discussão nos terreiros busca reestabelecer a conexão entre natureza e cultura, evidenciar as histórias, as memórias, as relações entre os sujeitos e os espaços a partir da Agroecologia e da cultura popular (DA SILVA et al., 2016).

As Caravanas Agroecológicas e Culturais, cujo princípio político metodológico é promover a análise coletiva por meio de questões problematizadoras, buscam direcionar os olhares para evidenciar as experiências em transição agroecológica, educação popular, economia popular solidária, manifestações culturais, além dos conflitos e resistências vivenciados nos territórios visitados (SILVA e LOPES, 2015; CRUZ et al., 2016). Em 2013 realizamos a Caravana Agroecológica e Cultural da Zona da Mata mineira, como preparação para o III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA). Esta foi a primeira caravana realizada de uma série de outras 13 que aconteceram no território nacional.

De 2013 a 2014, contribuímos com a realização de cinco Caravanas Agroecológicas e Culturais, uma por estado do Sudeste, e a Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce. As caravanas foram construídas em parceria com os Núcleos de Agroecologia articulados pelo projeto “Comboio de Agroecologia do Sudeste”, apoiado pelo Edital 81/2013 (MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq), com diversas organizações e movimentos sociais. A parceria estabelecida com o projeto Comboio para a realização das caravanas, entre outras ações do ECOA, contribuiu para o fortalecimento da rede agroecológica da Zona da Mata mineira e a articulação com territórios do Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro.

Ainda, dentre as diversas ações realizadas nos municípios de atuação do ECOA, gostaríamos de destacar os Intercâmbios Agroecológicos, que serão melhor descritos no item a seguir.

### Metodologias, processos educativos e comunicação

Apesar da dificuldade inicial de superar o difusionismo, incentivado pelo modelo da revolução verde, a preocupação com a construção coletiva do conhecimento e a necessidade de articular saberes populares e científicos sempre estiveram presentes em nossas ações. Para superar os desafios mencionados, os referenciais teórico-metodológicos da educação popular e da pesquisa-ação e o uso de metodologias participativas orientaram, desde o início, os processos de construção do conhecimento agroecológico na região (CARDOSO e FERRARI, 2006).

Nossas referências teórico-metodológicas são oriundas de autores como Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Oscar Jara Holliday e David Tripp. Entretanto, as mesmas não vêm apenas dos livros, muitas delas vêm dos movimentos sociais, sindicais e de mestres da cultura popular que socializam os conhecimentos por meio da oralidade.



Nos processos de construção metodológica das ações do Núcleo ECOA, buscamos continuamente discutir e compreender o aprender a fazer, o aprender a aprender e o aprender a conviver, a partir do cotidiano popular nos territórios. A relação interpessoal parte do princípio da escuta sensível e do aprendizado com o outro.

As metodologias utilizadas possibilitam que nossas ações contribuam para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, uma vez que permitem a aproximação entre as comunidades do campo e da cidade, e a acadêmica. Assim, os processos educativos vivenciados por meio das ações do núcleo, permitem aos envolvidos a oportunidade de conhecer e compreender o modo de vida das pessoas, e a não negar os diferentes saberes, o que é fundamental para o aprendizado pessoal e coletivo.

Na busca por uma extensão comunicativa, é necessário produzir reflexões científicas que sejam elaboradas com os atores envolvidos, por meio de metodologias participativas que permitam a horizontalidade entre os atores, todos detentores de conhecimento, como sustenta Freire (1983). A diversidade de comunicação, possibilita que a pesquisa, a extensão e o ensino estejam correlacionados entre si.

Todos estes processos educativos, desenvolvidos ao longo de quatro décadas, possibilitaram a formação de profissionais que valorizam a Agroecologia na prática, trabalham em equipe e compreendem a importância do diálogo de saberes para a construção coletiva do conhecimento. O aprendizado com a sistematização e incorporação das redes sociais como ferramenta de comunicação, bem como a oportunidade de conviver e conhecer o outro, contribuem para aproximar diferentes saberes e pessoas (SILVEIRA, 2016).

O ECOA desempenha importante papel na discussão sobre a democratização e popularização da informação e da comunicação. Diversas estratégias podem ser citadas, tais como o uso e a capacitação em facilitação gráfica, o desenvolvimento esporádico de programas de web rádio, a realização de oficinas de construção e edição de fotos e vídeos, a organização, escrita e divulgação dos informativos “Nossa Roça”, “Nossa Cultura na Roça”, “Nossa Tecnologia Social” e “Nossa Pesquisa na Roça” (<http://ctazm.org.br/biblioteca>).

Os informativos Nossa Roça (cada informativo apresenta a experiência de uma família agricultora), Nossa Tecnologia Social e Nossa Cultura na Roça fazem parte de uma estratégia de identificar, sistematizar e divulgar as experiências das famílias. O informativo Nossa Pesquisa na Roça é utilizado para a devolução dos resultados de pesquisas (cada informativo retrata uma pesquisa) junto às comunidades. Desde 2003, foram publicados 68 informativos, sendo destes 42 Nossa Roça, 19 Nossa Pesquisa na Roça, seis Nossa Tecnologia Social e um Nossa Cultura na Roça (OLIVEIRA et al., 2017).

Muitas das metodologias utilizadas pelo ECOA aprendemos em redes nacionais e internacionais de Agroecologia. Tais metodologias passam por um constante aprimoramento, evolução e adaptação para nossa realidade. Nessa perspectiva, o programa TEIA, em seu início, utilizou as excursões como instrumento pedagógico. As excursões do TEIA, as romarias e caminhadas do povo inspiraram a formação das Caravanas Agroecológicas e Culturais, as quais são amplamente utilizadas pelo movimento agroecológico desde o III ENA.

Outras metodologias utilizadas pelo ECOA são as Instalações Artístico-pedagógicas, os Círculos de Cultura, os Intercâmbios Agroecológicos, as Danças Circulares, as Caminhadas Transversais, o Diagnóstico Rural Participativo, o *Dragon Dreaming*, o Teatro do Oprimido, entre outras dinâmicas de integração e reflexão, que promovem o diálogo entre o saber científico e o saber popular. Destacamos, a seguir, as Instalações Artístico-pedagógicas, os Círculos de Cultura e os Intercâmbios Agroecológicos.

### Círculos de Cultura

Os Círculos de Cultura (FREIRE, 1989) utilizados pelo ECOA, possibilitam a maior participação e troca de conhecimentos entre técnicos/as, agricultores/as, professores/as e estudantes. No círculo, a partir de uma pergunta geradora, cada participante inicialmente apresenta uma palavra ou um elemento para a discussão que responde àquela questão. Na sequência, cada palavra é socializada e o coletivo

constrói um entendimento geral do tema proposto pela pergunta. O círculo de cultura é utilizado para complementar diversas outras metodologias que são utilizadas pelo ECOA.

### Instalações Artístico-pedagógicas

As Instalações Pedagógicas desenvolvidas, na década de 1980, pela CUT têm sido utilizadas na UFV desde a segunda Troca de Saberes (realizada em 2010), quando se incorporou o elemento artístico na sua composição. As Instalações Artístico-pedagógicas permitem o diálogo entre a sabedoria popular e o saber acadêmico. Nas instalações, busca-se problematizar e refletir acerca de um tema específico e sua construção se dá a partir de elementos relacionados à realidade vivenciada. As Instalações Artístico-pedagógicas foram utilizadas no III ENA, em 2014, para socializar os aprendizados adquiridos ao longo das Caravanas Agroecológicas e Culturais preparatórias para o encontro e, desde então, têm sido incorporadas pelo movimento agroecológico brasileiro.

### Intercâmbios Agroecológicos

A metodologia denominada “Camponês a Camponês” (CAC), utilizada em países da América Central, inspirou e inspira os nossos processos educativos na região. Esta metodologia propicia processos educativos horizontais que rompem com a hierarquização dos saberes. Segundo Machín Sosa et al. (2012), a CAC é um sistema de métodos, procedimentos e técnicas que facilitam os processos de troca e de aprendizagem entre agricultores/as, técnicos/as, estudantes e pesquisadores/as. Os Intercâmbios Agroecológicos, inspirados nesta metodologia, buscam promover o diálogo entre estes atores por meio da criação de um ambiente de interação agroecológica que propicie o aprendizado de todos, favorecendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Os intercâmbios ocorrem nas unidades de produção familiar dos/as agricultores/as e podem ser compreendidos em 10 passos: 1) mobilização; 2) mística de abertura; 3) apresentação dos participantes; 4) história da família/comunidade; 5) caminhada pela propriedade e ou oficinas; 6) socialização das observações feitas durante a caminhada, utilizando círculo de cultura; 7) trocas de sementes e mudas; 8) informes e encaminhamentos; 9) merenda agroecológica; e 10) mística de encerramento. Os Intercâmbios Agroecológicos têm sido responsáveis por uma significativa ampliação da Agroecologia na região (ZANELLI et al., 2015).

No município de Divino, MG, onde os intercâmbios ocorrem de forma ininterrupta desde 2008, verificamos que os mesmos proporcionam um importante avanço no fortalecimento da identidade, da autoestima e da autonomia dos/as agricultores/as familiares. Além disso, favoreceram uma maior articulação e auto-organização desses/as agricultores/as, refletindo na criação de grupos de trabalho como mutirões para podas de árvores em SAFs, para colheita do café, para construção de fossas rurais e de biodigestores, a criação da Casa de Farinha de beneficiamento de mandioca, e da feira agroecológica que ocorre semanalmente no centro da cidade. Destacamos, ainda, que esta organização também permitiu aos/as agricultores/as iniciarem o processo de certificação dos cafés agroecológicos.

Em Divino, no início de 2016, houve o desdobramento do intercâmbio geral (que acontecia em nível municipal) em vários subgrupos e/ou setores locais, denominados “intercambinhos”. Deste modo, foi possível reduzir os custos de transporte, pois os encontros passam a ser realizados nas comunidades onde residem a maioria das famílias. Além disso, encontros locais possibilitam trabalhar com temas específicos, o que aumenta o interesse, e também o maior aprofundamento das discussões. Para sua realização, os “intercambinhos” contam com articuladores/as (agricultores/as) locais, fundamental para a ampliação dos intercâmbios. A cada três meses aproximadamente, ocorre o que eles denominam de “intercâmbio”, um intercâmbio com todos que participam dos “intercambinhos”.

## Juventude, gênero e cultura

Acreditamos que a autonomia e o reconhecimento das habilidades dos estudantes na construção do saber e fazer agroecológico é um aspecto metodológico importante incorporado pelo ECOA. Com isso, o potencial criativo e inovador é valorizado, e florescem as habilidades. Como observado por Diniz (2017), por meio da matriz de sistematização da ABA, o Apêti Agrofloresta apontou princípios que asseguram a resiliência do grupo, que permanece em atividade desde a sua fundação. São eles: planejamento participativo e estratégico, autonomia na execução das ações, relação com a natureza e trabalho como princípio educativo.

Compreendemos que o empoderamento da juventude é estratégico para o fortalecimento do movimento, tanto para formação de quadros quanto para o presente, pois trazem a força, a esperança, a paixão, a utopia e o poder de transformação. Logo, identificou-se também, a importância dos processos educativos em ambientes multigeracionais, como acontece em diversas atividades realizadas pelo ECOA, a exemplo da Troca de Saberes.

No que se refere ao empoderamento das mulheres, percebemos a forte presença e protagonismo delas em vários espaços e grupos. Entretanto, notamos que há uma fragilidade no aprofundamento das discussões de gênero e feminismo. Estas discussões estão mais presentes nas ações do CTA-ZM através do Programa Mulheres e Agroecologia, voltado ao fortalecimento e autonomia das agricultoras.

Verificamos que a ação do Núcleo ECOA, no âmbito do movimento agroecológico, propiciam um posicionamento diferenciado dos atores envolvidos, favorece a autoestima dos/as agricultores/as e o enfrentamento, a contar da valorização de suas identidades. A partir das Trocas de Saberes, começamos a aproximar mais da cultura do povo Puri e, com base na parceria com o Núcleo de Agroecologia EWÈ - da Universidade Federal de Juiz de Fora - começamos a aproximar das comunidades quilombolas. Estas aproximações favorecem o nosso reencontro com os povos tradicionais, fundamental para a construção da Agroecologia.

As ações do Núcleo têm nos permitido compreender como Agroecologia e cultura se articulam, partindo da compreensão da cultura para além das manifestações artísticas, mas como um modo de vida, um saber-fazer que se conecta ao território por meio da alimentação, das músicas, das rezas, entre outros. A incorporação da arte, harmonia e a beleza nas ações, assim como o elemento espiritual, cumprem uma função pedagógica de sensibilizar e comunicar com as diversidades.

## Biodiversidade, solo e água

O entendimento da Agroecologia como um campo de conhecimento e um movimento social que, orientados por princípios como a diversidade, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, cidadania e participação, busca viabilizar processos de reflexão crítica sobre a sustentabilidade da agricultura familiar, construir alternativas à lógica da globalização e padronização. Com isso, muitas de nossas ações contribuem para a proteção da biodiversidade e conservação da água e solo.

Entre as ações relacionadas aos bens naturais podemos citar: oficinas e mutirões para implantação e manejo de SAFs; a ampla disseminação, aplicação e apropriação de tecnologias sociais no manejo da água, como por exemplo, construções de fossas e outras técnicas de conservação de água (caixas cheias e secas, barraginhas, terraços) nas comunidades; a denúncia dos perigos relacionados aos agrotóxicos e transgênicos, além das alternativas de uso a eles; o resgate cultural da agrobiodiversidade, de sementes crioulas e a valorização de produtos e consumo de alimentos dos antepassados, por meio de trocas de sementes e mesa de partilhas.

A criação e incentivo de mais espaços de comercialização de produtos agroecológicos e locais, a partir da Rede Raízes da Mata, das feiras, de políticas públicas como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) também contribuem para a proteção da biodiversidade, do solo e da água, pois os/as agricultores/as têm a oportunidade de comercializar o

produto de sua biodiversidade e entram em contato com consumidores que valorizam esses produtos através do consumo consciente.

Nossas ações buscam a reconexão com a natureza e com as pessoas. Diante de um contexto de globalização, desenvolvimento predatório e crescente avanço do individualismo, fazemos a reflexão de que a natureza é o que nos liberta, e o que nos mantém é a conexão em rede com as pessoas e os movimentos.

### Políticas públicas

O ECOA se fortalece com as políticas públicas que dialogam com a Agroecologia. Dentre estas, destacamos o PNAE e o PAA, o Programa Nacional de apoio à Agricultura Familiar (PRONAF), os programas de Habitação Rural (que, inclusive incentivaram o biodigestor na região, como piloto), a ATER Agroecologia, a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), o PROEXT, o Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX- UFV), o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO/MEC), o Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC), o Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária (PROCULTURA-UFV) e políticas de reconhecimento das comunidades quilombolas. O ECOA interage direta ou indiretamente com estas políticas que contribuem para a educação libertadora, com a melhoria da saúde, do bem estar, da segurança e da soberania alimentar, e ainda, para o incremento da renda das famílias.

Ressaltamos que a política pública que mais impactou o ECOA, foi a política de apoio aos Núcleos de Estudos em Agroecologia, fortalecida no âmbito da PNAPO. Na UFV, os editais relacionados a esta política contribuíram financeiramente com os projetos (Agro)Ecologia dos Saberes (Edital CNPq/MDA/SAF nº 58/2010) e ECOAr Práticas, Ciências e Movimentos (Edital MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq nº 81/2013). O Edital 81/2013 (MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq) apoiou também a Rede de Núcleos de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica (R-NEAs) do Sudeste, denominado “Comboio de Agroecologia do Sudeste”, que foi coordenado pela UFV.

Tais editais, ao dar visibilidade às nossas ações, contribuíram para superar os desafios relacionados aos trâmites burocráticos e políticos existentes na Universidade para a formação de Núcleos. A institucionalização do ECOA tem contribuído, ainda, paulatinamente, para avanços nas práticas e concepções que se opõem àquelas vigentes numa das universidades mais conservadoras do país, que exercem grande influência no pensamento agrícola nacional.

Disputamos e construímos constantemente estas políticas, buscando mecanismos para melhorá-las e aperfeiçoá-las. Todas estas políticas são conquistas resultantes da luta social e, no atual contexto de retrocessos, as lutas para a manutenção e ampliação das mesmas precisam ser intensificadas.

### Lições aprendidas e desafios

A institucionalização do ECOA tem contribuído para avanços necessários e de maneira unificada e articulada de dois campos importantes, Educação do Campo e Agroecologia, nas ações de ensino, pesquisa e extensão. Entendemos que a Educação do Campo e a Agroecologia constituem práticas sociais e pedagógicas orientadas por intencionalidades e princípios comuns, que buscam implementar um novo projeto para a sociedade brasileira em geral e para o campo, em particular, construído em uma perspectiva participativa e de produção coletiva de conhecimentos (MIRANDA, 2014).

Acreditamos que um projeto de educação que supere a oposição cidade-campo e as representações que lhe são subjacentes, seja instrumento de fortalecimento de um projeto popular de valorização e transformação da agricultura familiar a partir da Educação do Campo e da Agroecologia.

Entendemos que nos territórios (inclusive no território do saber) os processos se constroem em meio a conflitos e disputas que impedem o desenvolvimento da Agroecologia. Por isso, compreen-

demos que a sistematização e a ampliação das experiências para dentro e fora do território agroecológico sejam fundamentais para a democratização dos saberes. Estes saberes, quando compartilhados em redes territoriais, implicam em ações transformadoras em diferentes realidades a partir do estímulo à produção de novas interações.

Observamos que as interações de experiências agroecológicas se dão a partir da participação de diversos atores, como agricultores/as, professores/as, estudantes e técnicos/as. Entretanto, os processos que envolvem os estudantes devem primar pela autonomia dos mesmos, pelo trabalho enquanto princípio educativo e pela relação com a natureza.

Na região, a participação dos atores se concretiza nos Intercâmbios Agroecológicos, nas Caravanas Agroecológicas e Culturais, nos Terreiros Culturais, na Troca de Saberes, nas pesquisas acadêmicas, nos boletins agroecológicos, nos mutirões de trabalho, na articulação dos grupos de Agroecologia, no programa TEIA e nas feiras agroecológicas. Em todos estes ambientes observamos que as metodologias participativas têm um importante papel de favorecer a troca de saberes entre os participantes, além de contribuir para a indissociabilidade entre o ensino a pesquisa e a extensão.

Apesar das inúmeras conquistas, consideramos que ainda há muitos desafios, dentre eles os conflitos e disputas que ocorrem nos territórios, e que contrapõem ao avanço da Agroecologia. Estes se concretizam nos projetos de mineração; na ausência de uma política de reforma agrária; nas políticas públicas de incentivo ao agronegócio; no apoio ao uso de agrotóxicos, de organismos geneticamente modificados e de monocultura; na ausência de políticas públicas que apoiem de forma mais consistente a transição agroecológica; na formação de profissionais pela Universidade que não atuam na construção da Agroecologia, com respeito à cultura popular, aos saberes populares e à natureza.

A sistematização apontou também que precisamos aprofundar nossas reflexões e ações no que se refere às questões de gênero e feminismo, além de estabelecer diálogos mais efetivos que promovam a aproximação de grupos e coletivos universitários que lutam pela transformação da sociedade, como por exemplo, da causa LGBT e do movimento negro.

Verificamos que a experiência acumulada em décadas de atuação permite afirmar que elementos como organização popular, horizontalidade, valorização das diversidades e trabalho coletivo são fundamentais para a superação destes desafios.

Internamente, o ECOA ainda enfrenta alguns desafios como, conquistar um espaço físico dentro da Universidade, ampliar sua visibilidade dentro e fora da instituição, incluir membros de outros Departamentos da UFV no seu colegiado e, por fim, conquistar maior autonomia na instituição.

## Agradecimentos

Agradecimento em especial às famílias agricultoras, aos professores/as e técnicos/as, assim como os/as estudantes que colaboraram com o ECOA. Às instituições e organizações, como o CTA-ZM, aos STRs, às EFAs, aos grupos de Agroecologia e à UFV. Aos apoiadores FAPEMIG, ProExt e CNPq.

## Referências

- ALTIERI, M. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989. 237p.
- BARBOSA, W. B. et al. Trocando saberes e reinventando a universidade. **Revista Agriculturas**, v. 10, nº 3, p. 7-11, 2013.
- CARDOSO, I. M.; FERRARI, E. A. Construindo o conhecimento agroecológico: trajetória de interação entre ONG, universidade e organizações de agricultores. **Revista Agriculturas**, v. 3 nº 4, p. 28-32, 2006.
- CARDOSO, I. M. et al., Programa Teia: Trocando Saberes e Tecendo a Teia da Agroecologia. In: SOUZA, D.T. et al., (Org). **Práticas e reflexões na extensão universitária**: a experiência da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa: Editora UFV, 2017. p. 276-289.
- CRUZ, N.A.C. et al. Caravana agroecológica e cultural da Zona da Mata – MG: rumo ao III ENA – Encontro Nacional de Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, maio 2016. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/18632>>. Acesso em: 03 ago. 2017.



- DA SILVA, K. S. et al. Terreiro-cultural – semeando a Agroecologia, resgatando histórias e ressignificando identidades na Zona da Mata mineira. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, n. 1, jun. 2016. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/20877>>. Acesso em: 03 ago. 2017.
- DINIZ, G. P. **Vivências de acolhimento do grupo Apêti Agrofloresta**. TCC (Graduação em Engenharia Florestal). 2017. 22p. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017
- FALKEMBACH, E. M. S. Sistematização... juntando cacos, construindo vitrais. In: **O que é sistematização? Uma pergunta. Diversas respostas**. Cadernos de Formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). n. 1. São Paulo: 2000. p. 14-27.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 19ª ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, 150p.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93p.
- HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. 2ª ed. Brasília: MMA. 2006 Tradução de Maria Viviana V. Resende. 128p.
- LOPES, L. S. et al. Troca de saberes: vivenciando metodologias participativas para a construção dos saberes agroecológicos. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, nº 2, p. 1-5, 2013. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/14826>>. Acesso em: 31 jul. 2013.
- MACHÍN SOSA, B. et al. **Revolução Agroecológica: O Movimento Camponês a Camponês da ANAP em Cuba**. 1ª Ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012. 152p.
- MIRANDA, E. L.; **Intercâmbios e diálogos entre Educação do Campo e Agroecologia**. 2014. 68p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2014.
- MOREIRA, F. O. et al. Programa Teia: tecendo a teia da Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, n. 1, 2016.
- OLIVEIRA, L. A. D. et al. Os “Nossas Roças”: boletins agroecológicos como instrumentos pedagógicos. **Cadernos de Agroecologia**, v. 12, n. 1, jul. 2017. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/22353>>. Acesso em: 03 ago. 2017.
- SANTOS, M. L. et al. Programa de extensão TEIA/UFV: formação universitária para uma ecologia de saberes. **Educação em Revista**. v. 29 n.4, 2014. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982013000400004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000400004)>. Acesso em 31 jul. 2013.
- SILVEIRA, P. S. **Pegadas agroecológicas: história e práticas educativas de grupos de Agroecologia**. 2016. 242p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.
- SILVA, M; LOPES, L. S. Inovações metodológicas: caravana agroecológica como processo de análise dos territórios e Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, nº 3, 2016. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/18965>>. Acesso em: 31 jul. 2017.
- VILLAR, J. P. et al. Os caminhos da Agroecologia no Brasil. In: GOMES, J.C.C.G; ASSIS, W.S. (Org.) **Agroecologia: Princípios e reflexões conceituais**. 1ª ed. v. 1, p.39-72. Brasília-DF: Embrapa, 2013.
- WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development**. v.29, n.4. p. 503-5015, 2009.
- ZANELLI, F. V. et al. Intercâmbios agroecológicos: aprendizado coletivo. **Informe agropecuário**, Belo Horizonte, v. 36 n. 287, p. 104-113, 2015.